Os sobreviventes da noite: provérbios africanos na roda de guerrilhas

Auliam da Silva*

Resumo

Este trabalho parte de uma leitura do romance *Os sobreviventes da noite* (2008), do escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa. A obra, valendo-se dos provérbios africanos, como intertextos, revela ao leitor uma gama de elementos da ancestralidade moçambicana/africana. As personagens, em meio aos acampamentos da guerra civil, utilizam os provérbios como forma de tentar entender a situação de guerrilha em que vivem. Nossa leitura parte da ideia de que os provérbios, como elaborações formais que Ba Ka Khosa se vale, nos permitem conhecer mais da tradição e cosmovisão moçambicana. Como arcabouço teórico, partiremos das ideias de Laura Cavalcante Padilha (2007), Adolfo Colombres (2000), James Obelkevich (1997), Catherine Fourshey (2019).

Palavras-chave: provérbios africanos; literatura moçambicana; Ungulani Ba Ka Khosa.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Discente do doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa (PUC Minas). Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa (PUC Minas) e Graduado em Letras (Português) pela Universidade Federal do Pará. É professor efetivo de Educação Básica (Língua Portuguesa) na Secretaria de Estado e Desporto do Amazonas (SEDUC-AM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6475-6868>.

The night survivors: african proverbs on the guerrilla wheel

Abstract

This work is based on a reading of the novel *The night survivors* (2008), by the writer mozambican Ungulani Ba Ka Khosa. The work, using African proverbs as intertexts, reveals to the reader a range of elements of mozambican/african ancestry. The characters, in the midst of the civil war camps, use proverbs as a way of trying to understand the guerrilla situation in which they live. Our reading starts from the idea that proverbs, as formal elaborations that Ba Ka Khosa uses, allow us to know more about the mozambican tradition and cosmovision. As a theoretical framework, we will start with the ideas of Laura Cavalcante Padilha (2007), Adolfo Colombres (2000), James Obelkevich (1997), Catherine Fourshey (2019).

Keywords: african proverbs; mozambican literature; Ungulani Ba Ka Khosa.

1 Considerações iniciais

As obras de escritores como Mia Couto, Pepetela, Luandino Vieira, Ungulani Ba Ka Khosa, João Paulo Borges Coelho, Ondjaki, Suleiman Cassamo entre outros, estão se inserindo, de forma mais presente nos últimos anos, na circulação literária do nosso país. Desde editoras com tradição no campo editorial brasileiro, como a Companhia das Letras, até editoras mais recentes, como Kapulana e Nandyala, têm publicado as obras de escritores africanos em língua portuguesa.

O escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa já lançou as seguintes obras: *Ualalapi* (1987), *No reino dos abutres* (2002), *Orgia dos loucos* (2008), *Os sobreviventes da noite* (2008), *Entre memórias silenciadas* (2013), *Choriro* (2015), *O rei mocho* (2016) e *As mulheres do imperador* (2018). A editora Kapulana, com a série “Vozes da África”, tem publicado diversas obras africanas de língua portuguesa e contribuído, assim, para sua circulação literária no cenário brasileiro. Narrativas como *Ualalapi* (2018), *As mulheres do imperador* (2018), *Orgia dos loucos* (2016) e *O rei mocho* (2016) são as obras de Ungulani Ba Ka Khosa lançadas, até o momento, pela Kapulana.

O autor é conhecido por seus textos literários que buscam ora desenterrar historiografias da formação de Moçambique ora revisitar as guerras, contemporâneas ao autor, que assolaram seu país. Acreditamos que são romances que merecem atenção por apresentarem um trabalho textual singular, além de serem narrativas de grande relevância tanto no cenário literário moçambicano quanto no cenário das literaturas de língua portuguesa.

No romance *Os sobreviventes da noite* (2008) verificamos que a trama narrativa gira em torno de soldados/crianças e da violência que os acomete enquanto sobre(vivem) na guerra civil pós-independência de Moçambique. Em meio aos momentos de conflito e, até mesmo, descontração nas aldeias, os personagens fazem uso de provérbios e ditados com o propósito de destacar um pensamento da ancestralidade africana. É sobre essa obra que desenvolveremos nossa reflexão.

Ainda pensando em nossa proposta de trabalho, vale ressaltar a pesquisa de Terezinha Taborda Moreira (2023a), em que a estudiosa

analisa os provérbios como intertextos em dois romances: *Ventos do apocalipse*, de Paulina Chiziane e *Ualalapi*, de Ungulani Ba Ka Khosa. Em sua articulação teórica, a pesquisadora ressalta que “a citação de provérbios é fato recorrente nos textos moçambicanos constituindo mesmo elemento caracterizador da dicção do narrador.” (MOREIRA, 2023a). Os provérbios, para a pesquisadora, revelam elementos do saber ancestral contidos nos discursos das comunidades africanas.

Acreditamos que nossa pesquisa contribui para a ampliação de fortunas críticas da obra de Ungulani Ba Ka Khosa, sobretudo nos estudos acerca dos provérbios no romance *Os sobreviventes da noite* (2008), pois, até a presente data da elaboração deste artigo, não encontramos trabalhos que versassem sobre essa temática no romance em questão.

2 Provérbios, armas e tradições

Ao lermos, pela primeira vez, o romance de Ba Ka Khosa, *Os sobreviventes da noite* (2008), a presença constante dos provérbios nos chamou a atenção. Logo no início da narrativa verificamos que a utilização desses ditos curtos, por parte dos guerrilheiros, tinha relevância para a economia da obra. Os provérbios funcionam como estratégias discursivas de que os personagens se valem para refletir sobre sua condição precária em meio à guerra civil que assolava seu país e suas vidas. Um exemplo disso é o caso de Sabonete, um dos protagonistas do romance. O adolescente não conhecia seus progenitores e, indagado se tinha vontade de descobrir quem eram seus pais, vale-se de um provérbio para expor seu posicionamento:

[...] Maconha, um dos presumíveis pais que, ao ouvir o nome Sabonete, lhe perguntou, de imediato, pelo pai.

- Nunca o conheci.
- Como?
- Dizem que nasci de uma termiteira velha.
- É provável que te tenham lá deixado.
- Como?
- Tu é que deves procurar saber.

– Disseram-me que um pepino nunca rola em direção ao porco. (KHOSA, 2008, p. 22-23).

Os provérbios surgem na fala das personagens como argumentos discursivos. Sabonete se refere ao pepino para evidenciar que não lhe cabia procurar seu pai. Assim como o pepino não vai ao encontro do porco, mas é preciso que seja entregue por alguém ao animal, o adolescente não fazia esforço algum para conhecer seu progenitor. A vivência na guerra levou Sabonete a ver como futilidade sua origem parental, pois o que importava era sobreviver na luta armada que estavam empreendendo.

Antes de analisarmos mais alguns provérbios presentes no romance *Os sobreviventes da noite* (2008), acreditamos ser importante abrir espaço para uma ponderação sobre o estatuto teórico-conceitual dos provérbios. Esse movimento torna-se oportuno para embasar nossa reflexão e contribuir para os estudos desse tipo de intertexto em narrativas literárias.

James Obelkevich (1997), em seu ensaio seminal “Provérbios e História Social”, afirma que os provérbios podem ser facilmente reconhecíveis, contudo, apresentam resistência em sua definição. O estudioso defende que eles são ditos populares da tradição de determinado povo, os quais são carregados de sabedoria e têm o intuito de instruir e aconselhar. Mesmo que presentes na escrita, os provérbios são, necessariamente, pertencentes ao gênero oral, apresentando uma grande variedade de recursos retóricos e poéticos. O estudioso ainda ressalta que a definição do provérbio está mais ligada a uma função externa (moral e didática) do que interna. No próprio dizer do autor: “[...] os provérbios são ‘estratégias para situações’, mas estratégias com autoridade, que formulam uma parte do bom senso de uma sociedade com autoridade, seus valores e maneira de fazer as coisas.” (OBELKEVICH, 1997, p. 45).

Acreditamos ser interessante destacar a presença de uma voz com autoridade nessa enunciação. Essa voz seria a da tradição oral da comunidade que informa o provérbio. Obelkevich (1997) destaca que a autoridade do provérbio está enraizada na língua que veicula seu discurso e que, geralmente, ele é antecedido por algum esquema introdutório (“Como dizem”, “Antigamente”, etc.) e uma mudança na postura e tonalidade vocal do falante. Este não está mais expressando sua perspectiva, mas sim as da comunidade e do senso comum. O fato é que existe um ar de atemporalidade

por trás desses ditos populares. Expressando-se por meio de formulações arcaicas em seu vocabulário e/ou construção, os provérbios carregam consigo verdades sobre a natureza humana, as quais vão se perpetuando ao longo do tempo.

Os usos e funções dos provérbios vão desde a utilização em qualquer momento, de maneira informal, passando para o uso na educação formal em escolas de ensino básico. O que não se pode perder de vista é seu papel educacional e moral: por meio deles os regulamentos sociais e culturais de uma comunidade são internalizados e reforçados.

O contexto de produção dos provérbios é muito importante para sua compreensão. Obelkevich (1997) ressalta que a ausência do momento de enunciação desses ditos populares elimina parte de seus significados. Segundo o estudioso:

Em uma determinada língua pode haver centenas, talvez milhares de provérbios, dizendo muitas coisas diferentes, alguns incoerentes ou até mesmo contraditórios entre si. Se têm alguma coisa em comum, isso não está no seu contexto manifesto, mas no latente — sua anonimidade, impessoalidade, recurso à tradição e assim por diante, pelo menos nesse nível, o texto de cada provérbio traz em si um subtexto, e o próprio meio possui uma mensagem. (OBELKEVICH, 1997, p. 50).

A perda do contexto de produção dos provérbios é algo danoso para sua compreensão e análise. Além desse problema, o pesquisador evidencia que os significados dos ditos populares mudam com o passar do tempo e do espaço. Também, a presença de metáforas acarreta, em determinados contextos, ambiguidades no sentido do provérbio.

Partindo desse pensamento inicial, acreditamos ser importante refletir sobre os provérbios no contexto africano, pois sua cosmovisão é distinta da realidade europeia em que Obelkevich (1997) desenvolve seu raciocínio. Fourshey e outros, em *África Bantu* (2019), enfatizam que as sociedades orais se valem dos provérbios, ditos curtos e charadas como ferramentas de ensino. Ao analisarmos tais frases, podemos perceber como essas sociedades, em que a oralidade predomina, se organizam. Vale destacar um exemplo dado por essas estudiosas:

Por exemplo, os Haya, que atualmente habitam o oeste da Tanzânia, fazem a seguinte charada a seus filhos: “*Malwa, Maela, Itunga?*” Isso significa: “Que pessoas nunca ficam satisfeitas com cerveja, dinheiro ou riqueza?” O verbo usado neste enigma é *kwiguta*, que significa “estar saciado de comida”. Para a criança responder à charada, ele ou ela deve examinar mentalmente o conceito de “comer até saciar-se”. A resposta para a charada é “o esganado”. O objetivo desse enigma é não apenas ensinar às crianças o pensamento crítico, mas também compartilhar um valor social para educá-las: elas não devem desejar mais do que precisam. (FOURSHEY; GONZALES; SAIDI, 2019, p. 81-82).

A charada exposta pelas pesquisadoras revela dados de um determinado comportamento da comunidade Haya, possivelmente enraizados em conhecimentos históricos relacionados com retenção e compartilhamento de alimentos dentro do grupo. Fourshey e outros (2019) relevam ainda que tais recursos nos possibilitam elementos para entender a cosmovisão das suas respectivas sociedades africanas. Por meio desses dados orais, como charadas, provérbios e ditos populares, temos recursos importantes para a compreensão de algumas lacunas sobre os processos educacionais nas comunidades bantus.

Fourshey e outros (2019) ressaltam que os provérbios, assim como mitos, histórias orais e canções, são utilizados em processos ativos de ensino aprendizagem. A comunidade é responsável pela educação e os membros mais velhos tinham a responsabilidade de questionar e até corrigir os dados históricos, literários e até da própria tradição oral. Se os anciãos considerassem incorretos os dados apresentados pelos intérpretes (em situações em que informações fossem ignoradas, esquecidas ou narradas equivocadamente), prontamente corrigiam a confusão.

Adolfo Colombres (2000) aponta que o provérbio é um dos gêneros literários mais antigos que temos. O povo sumério, já nas suas barras de argila, entre 2700 e 2300 a. C., registrava grandes quantidades de provérbios, evidenciando uma literatura epigramática. Levando em consideração isso, podemos deduzir que eles são contemporâneos da *Epopéia de Gilgamesh*, a obra literária escrita mais antiga de que se tem notícia, como podemos constatar no artigo “A Epopeia Gilgamesh é uma epopeia?”, de Jacynto Lins Brandão (2023). Por conta de sua brevidade e densidade de sentido, o provérbio pode atravessar centenas de séculos, imiscuindo-se tanto na

poesia popular quanto na culta, mas também como elemento estruturador de narrativas em prosa. Segundo Adolfo Colombres:

Mais além de seu conteúdo ético-filosófico, os provérbios são cobertos pela escuridão do símbolo, e muitas vezes significam a realidade por meio de elipses, pelo que sugerem ou silenciam. Eles participam tanto ou mais do que a própria poesia, na natureza do poético. A tal ponto que há muitos poemas construídos sobre provérbios, pontos de diamante que se destacam no lixo de seu brilho. O curioso é que, apesar de sua margem de mistério e poesia, conseguem manter seu valor didático, que serve para socializar as crianças e lembrar os adultos das normas sociais que não podem ser violadas impunemente.¹ (COLOMBRES, 2000, p. 10, tradução nossa).

A discussão empreendida acima pelo estudioso nos leva ao seguinte pensamento: a utilização dos símbolos, recorrendo, muitas vezes, à elipse e, também, a construções alegóricas, possibilita aos provérbios um tom poético, não deixando de lado seu valor didático. Relacionado à literatura oral, o provérbio também sofreu com o pensamento eurocêntrico, que legitima somente a literatura escrita e seus correlatos. Por conta disso, acreditamos ser interessante e necessário pensarmos nesse tipo de intertexto tão presente na literatura africana por conta da sua potência poética e recorrência nos textos dos escritores. Não deixando de lado seu caráter instrutivo, mas focalizando em sua estruturação formal, vale ressaltar um aspecto destacado por Adolfo Colombres:

Do ponto de vista estrutural, o provérbio é constituído por duas sequências relativamente simétricas (assim sublinha-se o seu carácter binário) e muitas vezes ritmadas por um conjunto de aliterações, assonâncias ou repetições, em que o sentido surge como efeito de um paralelismo ou de uma oposição. Devido à sua brevidade, à força das imagens a que apela e aos seus inúmeros recursos estilísticos, é facilmente fixado na memória. Ao mesmo tempo evidente e enigmática, forma uma obra de arte em miniatura, que fortalece o ethos social nos setores populares e desperta a admiração de quem explora sua sabedoria e

¹ No original: "Más allá de sus contenidos éticos-filosóficos, los proverbios se revisten con la oscuridad del símbolo, y a menudo significan la realidad por la vía de la elipsis, por lo que sugieren o callan. Participan así, tanto o más que la misma poesía, de la naturaleza de lo poético. A tal punto, que son muchas las poesías construídas sobre proverbios, puntas de diamante que se destacan entre la hojarasca de su glosa. Lo curioso es que a pesar de su margen de misterio y poesía logran mantener su valor didáctico, que sirve para socializar a los niños y recordar a los adultos las normas sociales que no se pueden violar impunemente."

estética a partir da cultura esclarecida.² (COLOMBRES, 2000, p. 13, tradução nossa).

As ideias defendidas acima pelo estudioso tornam-se oportunas para pensarmos sobre a presença dos provérbios nas literaturas africanas de língua portuguesa. Esse tipo de intertexto, materializado na escrita, apresenta-se como um conjunto de enigmas, farto de recursos estilísticos como alegorias, aliterações, assonâncias, elipses, com o intuito de transmitir conhecimento de uma determinada cultura. Sua potência literária reside justamente na carga de sentido que cada provérbio pode carregar, relacionando-se a outros intertextos dos quais o escritor pode lançar mão em sua obra.

A partir de Moreira (2023b), podemos pressupor que os provérbios, presentes no texto literário, traduzem elementos da tradição africana por meio de uma transcrição. Acreditamos que a transposição cultural – dos elementos da cultura moçambicana para o plano textual da narrativa – é um movimento interessante que o escritor africano se propõe a realizar. Ler os provérbios e buscar interpretá-los nos permite alcançar uma chave de leitura das tradições africanas corporificadas na literatura de Ba Ka Khosa. A pesquisadora Laura Padilha (2007) defende que os provérbios são muito populares na África e estão alicerçados na tradição oral, os quais são “peça de resistência pela qual se sedimenta o edifício da sabedoria.” (PADILHA, 2007, p. 40).

Ao lermos *Os sobreviventes da noite* (2008), temos uma narrativa ambientada em um Moçambique mais contemporâneo, já vivendo sob a guerra civil pós-independência. A questão que buscamos destacar é o fato de obra também ter uma inclinação para uma tessitura que está prenhe da tradição africana. Podemos perceber isso já no início da obra:

Havia três anos que fora raptado de uma aldeia sem nome e registo. Nome é provável que tivesse. Mas na sua mente nada lhe vinha, o que é de acreditar, pois os nomes, nestes mundos desconhecidos no mapa dos interesses, se não estivessem ligados a um rio, a uma montanha, a um lago, ou a uma jazida, eram

2 No original: Desde el punto de vista estructural, el proverbio se compone de dos secuencias relativamente simétricas (se subraya por eso su carácter binario) y a menudo ritmadas por un juego de aliteraciones, asonancias o repeticiones, donde el sentido surge como efecto de un paralelismo o de una oposición. Por su brevedad, la fuerza de las imágenes a las que apela y sus numerosos recursos estilísticos, se fija con facilidad en la memoria. A su vez evidente y enigmático, conforma una obra de arte en miniatura, que fortalece el ethos social en los sectores populares y suscita la admiración de quienes exploran su sabiduría y su estética desde la cultura ilustrada.

efêmeros. Dependiam, às vezes, dum chefe, de um espírito maligno ou de uma simbologia que alguém, de forma persistente, teimava em fazer vingar. (KHOSA, 2008, p. 17).

As crianças-soldado, sempre que descansavam nos acampamentos da guerrilha, paravam para refletir sobre suas vidas. Em meio aos diálogos, os personagens recorrem à tradição das suas comunidades para tentar entender o rumo que suas vidas seguiam. Na passagem acima, o personagem Boca tenta lembrar de seu passado e do possível nome que possuía antes de entrar para o bando de guerrilheiros. Ele destaca o fato de que a nomeação de uma pessoa está ligada à própria terra que serve de chão, isto é, o nome de um indivíduo precisa estar concatenado com a pulsante natureza que o rodeia. Isso nos revela a forma como a comunidade vê a nomeação dos sujeitos africanos. Seja nos lapsos de memória ou nos questionamentos sobre a existência vindoura, os personagens do romance recorrem à cosmovisão africana para tentar entender a situação de guerra que estava assolando suas comunidades.

Logo no início da narrativa somos apresentados a uma cena bastante abjeta: os soldados-criança estavam descansando na aldeia. Penete, um dos protagonistas, estava rememorando o dia em que seu pai foi morto pelos guerrilheiros quando, repentinamente, Antônio começa a comer, vorazmente, as crostas das feridas ainda em recuperação. Vejamos a cena:

Os dentes esmagavam, trituravam. E o som, o ruído das crostas a serem trituradas era abafado pelo clamor da manhã que crescia. Penete olhava, arrepiado. Severino sorria. E Antônio, alheio a tudo, ia comendo a sua própria carne. Algumas crostas colavam-se aos lábios salpicados de sangue. [...]

— Larga essa porcaria!

Antônio virou-se. Caíam-lhe lágrimas no rosto. Abriu a boca. Não saiu uma palavra. Era mudo.

— É chato...

— Cada um faz o que entende com o corpo, disse Severino.

Antônio levantou-se, encostou o corpo aos troncos, e mijou.

— Por que nos fazem sempre isto?!...

— Já aqui estás há muito tempo...

— Tens razão. Mas o que me dão é pouco.

- **Quem ordenha uma vaca sempre bebe leite...**
- Mas não me deixa matar.
- Cala a boca!
- És mau...
- Não deves abrir a boca de qualquer maneira. **Não te disse que a tartaruga caminha sempre com a sua casa?... O tambor deve estar sempre esticado,**
- Só alguns é que nos ouviram.
- **A boca não volta atrás. O que volta é o dedo.**
- É o que o velho chato diz sempre.
- **Mas pelo búfalo pergunta-se sempre aos da frente.** (KHOSA, 2008, p. 18-19, grifos nossos.).

Antônio estava tão faminto que começou a comer as cascas da sua própria ferida ainda não cicatrizada, a ponto de sair sangue desses ferimentos. A cena é bastante impactante. Somos levados ao conhecimento da circunstância de fome pela qual os guerrilheiros eram acometidos durante a luta armada. Em meio a essa situação desoladora, temos a presença de provérbios, resgatados pelos personagens, como forma de se posicionar diante do problema.

Penete traz para a roda da discussão o problema de não terem comida suficiente para sanarem a fome. Severino, por sua vez, recorre ao provérbio “quem ordenha uma vaca sempre bebe leite” com o propósito de lembrar aos colegas que durante a guerra não há como exigir conforto e bem estar, mesmo sabendo que mereciam satisfazer seus estômagos. Além disso, ele reforça que “a tartaruga caminha sempre com sua casa” e “o tambor deve estar sempre esticado”, visando a esclarecer que na guerra devem estar preparados para qualquer situação que possam encontrar. Penete recorda que esses provérbios lembram uma determinada pessoa, a qual é denominada como “velho chato”, reforçando a noção de que os provérbios são veiculados por alguém da comunidade que é mais velho e experiente. Severino finaliza o diálogo afirmando que “pelo búfalo pergunta-se sempre aos da frente”, isto é, “o velho chato”, possivelmente o comandante daquela guerrilha, tinha conhecimentos de mundo, e por isso, falava aqueles provérbios, os quais deviam ser lembrados e seguidos.

O que queremos destacar, em nossa leitura, é o fato de os diálogos dos personagens estarem sedimentados nos provérbios. A reflexão, empreendida

por Severino, tentando justificar para os outros a situação penosa em que se encontravam, tinha como base esses pensamentos proverbiais, já repassados e contados pelo “velho chato”. Os animais, protagonistas dessas reflexões, são os sujeitos que dão exemplo para as crianças, ali soldados descansando em uma aldeia recém-dizimada.

Algumas páginas mais à frente, somos apresentados a um dos personagens detentores da sabedoria e de ensinar os provérbios aos soldados-crianças. Trata-se do velho Matias, andarilho, com uma longa barba branca. Sua aparência confere a ele um ar de respeito e detentor de sabedoria. As crianças o veem como aquele que está presente no bando para instruir como devem proceder tanto na guerra quanto no cotidiano da paz momentânea dos acampamentos. Vejamos um trecho em que temos a presença desse personagem:

Era alto. O cabelo curto contrastava com a barba longa que esvoaçava ao pequeno sinal do vento. Poucos sabiam da sua origem, mas a sua passagem pelos acampamentos e bases espalhadas pelo território sem medida era testemunha da longevidade nas hostes dos contra. O seu saber, mormente vertido em máximas ou provérbios, tornavam-no uma lenda. (KHOSA, 2008, p. 31).

O velho Matias era temido pelo bando: visto como um curandeiro por alguns, outros imaginavam que ele sabia dos segredos da guerra e o fim a que ela levaria. Por conta de utilizar os provérbios, esse personagem era tido como um ser místico que deveria ser ouvido e respeitado. Seus ensinamentos percorriam os acampamentos e todos, que o ouviam, mistificavam essa figura. Seus provérbios e ditos eram repetidos e ensinados para aqueles que não tinham tido a honra de ouvi-lo. É interessante observarmos aqui como a tradição moçambicana se mantém presente, mesmo com um tempo/espaço mais contemporâneo. Isso ocorre por conta da pulsante ancestralidade presente na cosmovisão das sociedades africanas.

Ao longo de *Os sobreviventes da noite*, tomamos conhecimento de vários personagens. Um deles é Malaquias, o qual sonhava com a profissão de mineiro. Ele acreditava que o homem, naquela parte do mundo, estava destinado a descer, por meio de elevadores de ferro, rocha adentro. Seu pai, tomando uma palavra de sabedoria, adverte Malaquias:

[...] meu filho, fica sabendo que **a gazela não salta duas vezes a armadilha**; à segunda cai, e ao desceres pelos elevadores de ferro não tenhas a ambição de mais vezes voltares, porque os teus irmãos mais velhos, feitos homens fortes, esqueceram-se do nosso **provérbio que diz para termos medo da pedra e do caroço duro**; sei que a morte está na perna, e que com ela caminhamos, mas o cuidado tem que sobrepor-se à ambição desmedida, mas deves estar agora, meu filho, a pensar que **a carga se experimenta aos ombros**; velho que estou só devo dizer-te que é teu destino desceres pelos poços sem fim, pois é tradição nossa dizer que a **borbulha dói ao seu dono**, por isso vai, meu filho, ao destino nada se nega. (KHOSA, 2008, p. 80-81, grifos nossos).

No fragmento anterior, temos uma passagem bastante significativa que nos diz muito sobre a economia textual do romance de Ba Ka Khosa. O pai de Malaquias afirma que seus outros filhos morreram por conta de quererem se embrenhar em minas. Como forma de enfatizar seu posicionamento, recorre a alguns provérbios: “a gazela não salta duas vezes a armadilha”; “ter medo da pedra e do caroço duro”; “a borbulha dói ao seu dono”. Seu propósito, a princípio, é desencorajar Malaquias de se aventurar no trabalho da mineração, contudo, desiste, pois acredita que o destino não se muda, mas apenas se aceita. O fado, tido como inexorável, mantém-se como elemento da tradição, o qual está a par de qualquer atitude que o homem africano possa tomar.

Mais uma vez, temos a figura de um velho que detém a sabedoria e tenta transmiti-la por meio de provérbios. Estes, apresentando-se como enigmas, já que se referenciam a elementos específicos, apresentados de forma desconexa, como determinado animal selvagem, ou objeto do cotidiano de trabalho, são aperfeiçoados pela comunidade e passados de geração em geração. O pai de Malaquias, assim como o velho Matias, recorre ao conhecimento da aldeia, com vistas a instruir alguém mais novo. É por meio dessa palavra, construída e elaborada em forma de provérbios, que temos conhecimento da sabedoria e do modo africano de conceber o mundo.

3 Considerações finais

Os provérbios são carregados de sabedoria e utilizados pelas comunidades com o propósito de instruir e indicar determinados aspectos da vida em sociedade. Tendo origem no gênero oral, esses ditos curtos são utilizados na escrita por meio de elaborações formais com fins ora retóricos ora poéticos. No contexto das comunidades africanas, os provérbios são empregados nos processos de ensino-aprendizagem, tendo em vista que eles revelam aspectos da sabedoria africana.

Neste trabalho buscamos apresentar uma leitura do romance *Os sobreviventes da noite*, de Ungulani Ba Ka Khosa (2008), pensando nos provérbios como uma estratégia discursiva adotada pelo autor. O romance em questão apresenta soldados-crianças que, em meio a violência e sofrimento vivido, utilizam provérbios para tentar compreender seu posicionamento em meio à guerra que assolava seu país.

Valendo-se dos ditos curtos como argumentos discursivos, temos personagens que justificam sua condição de padecimento. Verificamos isso, como já foi comentado, no caso de Severino, ao explicar que na guerra a fome era algo natural, dizendo: “quem ordenha uma vaca sempre bebe leite”; ou que os soldados deviam estar preparados para o pior, ao dizer: “a tartaruga caminha sempre com sua casa”, “o tambor deve estar sempre esticado”.

A obra de Khosa (2008) é repleta de provérbios, os quais são fartos de referências ao saber ancestral africano. Buscamos trazer aqui algumas exemplificações desses ditos curtos como estratégias discursivas adotadas pelo escritor moçambicano. Esperamos que este trabalho contribua para o acúmulo de fortuna crítica dos estudos sobre os provérbios e, sobretudo, para a ampliação de um repertório crítico sobre as obras de Ungulani Ba Ka Khosa.

Referências

BRANDÃO, Jacynto Lins. A “*Epopéia Gilgamesh*” é uma epopeia?. *ArtCultura*, [s.l.], v. 21, n. 38, p. 9-24, 2023. Disponível em <<https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/50156>>. Acesso em 20 de maio de 2023.

COLOMBRES, Adolfo. Prólogo. In: CABAKULU, Mwambu. *Provérbios Africanos*. Tradução de María Teresa Miccio. Buenos Aires, Argentina: Ediciones del Sol, 2000, p. 7-16.

FOURSHEY, Catherine; GONZALES, Rhonda; SAIDI, Christine. *África Bantu: De 3500 a. C. até o presente*. Tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueiras. Petróolis, RJ: Vozes, 2019.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Os sobreviventes da noite*. Maputo: Texto Editores, 2008.

MOREIRA, Terezinha Taborda. *O intertexto proverbial: a força determinante da experiência enunciada*. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/literaficas/literatura-cabo-verdiana-2/1718-terezinha-taborda-moreira-o-intertexto-proverbial-a-forca-determinante-da-experiencia-enunciada>>. Acesso em 20 de maio de 2023a.

MOREIRA, Terezinha Taborda. *Tradução e Criação: Repensando a Escrita Criativa na Literatura Africana*. Disponível em: <<https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/244-tradu%C3%A7%C3%A3o-e-cria%C3%A7%C3%A3o-repensando-a-escrita-criativa-na-literatura-africana>>. Acesso em 20 de maio de 2023b.

OBELKEVICH, James. Provérbios e História Social. In: BURKE, Peter; PORTER, Roy. *História Social da Linguagem*. Trad. Álvaro Hattnher. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, p. 43-81.

PADILHA, Laura Cavalcanti. *Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. 2 ed. Niterói: EDUFF, 2007.